

Evaluación externa referencia: Enero 2021 (5)

AGROECOLOGIA COM CRIANÇAS: RELATO DE UM PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO COM EDUCADORES SOCIAIS

Humberto Silvano Herrera Contreras

Licenciado em Filosofia e Pedagogia. Mestre em Educação.

Pedagogo social na Associação Brasileira de Amparo à Infância – ABAI.

Membro do Grupo de Pesquisa NUPEPES (UEPG), MOSAICO (UFLA) e GEA (UNIR)

Membro da Rede Internacional de Filosofia Ecológica Integral.

RESUMO

O estudo problematiza as possibilidades de aproximar os saberes da agroecologia com as crianças. Inicialmente, sintetiza as contribuições teóricas de autores interessados na temática e aponta experiências de diversas instituições que promovem ações específicas relacionadas aos saberes agroecológicos. Na sequência, descreve três iniciativas de formação na área de agroecologia com crianças, de um grupo de educadores sociais de uma instituição não governamental, que atua no atendimento socioambiental de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. A instituição entende, na abordagem das suas práticas educativo-sociais, a agroecologia como princípio integrador. O estudo, com base na experiência de sistematização dos educadores, apresenta como resultado inicial uma compreensão sobre agroecologia com crianças como processos de aprender a conviver, a sentir, a criar, a cuidar e a ensinar (agir). Também, aponta reflexões sobre o contexto da horta como um dos ambientes para conhecer e viver a agroecologia com as crianças, destacando novas possibilidades e significados que podem ser incorporados na concepção e organização dos mesmos.

PALAVRAS-CHAVE

Agroecologia. Crianças. Educadores sociais. Horta .

RESUMEN

El estudio problematiza las posibilidades de aproximar los saberes de la agroecología con los niños. Inicialmente, sintetiza las contribuciones teóricas de autores interesados en la temática y apunta experiencias de diversas instituciones que promueven acciones específicas relacionadas a los saberes agroecológicos. En secuencia, describe tres iniciativas de formación en el área de la agroecología con niños, de un grupo de educadores sociales de una institución no gubernamental, que actúa en el atendimento socioambiental de niños y adolescentes en situación de vulnerabilidad social. La institución entiende, en el abordaje de sus prácticas educativo-sociales, la agroecología como principio integrador. El estudio, con base en la experiencia de sistematización de los educadores, presenta como resultado inicial una comprensión sobre agroecología con niños, como procesos de aprender a convivir, a sentir, a crear, a cuidar y a enseñar (actuar). También, apunta reflexiones sobre el contexto de la huerta como uno de los ambientes para conocer y vivir la agroecología con los niños, destacando nuevas posibilidades y significados que pueden ser incorporados en la concepción y organización de los mismos.

PALABRAS CLAVE

Agroecología. Niños. Educadores sociales. Huerta.

1. Considerações preliminares

O estudo registra a compreensão preliminar sobre a agroecologia com crianças, pautada nos registros publicados sobre o tema e na prática autoral de um grupo de educadores, que atuam com processos de educação social, em uma instituição não governamental, no município de Mandirituba, Paraná, Brasil.

Na intenção que motiva o trabalho optou-se por não relatar o contexto histórico da agroecologia na sua proposta alternativa e contestatória ao modelo tecnológico da Revolução Verde. Destaca-se nas últimas décadas, “a prática dos movimentos sociais do campo que a concebem como estratégia de luta e do enfrentamento ao agronegócio e do sistema capitalista” (PIRES, 2002, p. 29).

Uma das experiências com as quais se pode aprender muito é com a pedagogia dos “Sem terrinha”, do Movimento Sem Terra (MST). Ao analisar a pedagogia produzida pelo MST na dinâmica social

do campo, Caldart (2000) identificou cinco matrizes pedagógicas. A terceira matriz é a “pedagogia da terra” que constitui a relação com a terra, com o trabalho e com a produção, como processos constitutivos da identidade sociocultural do movimento. O estudo de Caldart define o movimento social como sujeito educador, o que nos leva a pensar na perspectiva das práticas agroecológicas com crianças que a natureza também pode ser vista como sujeito que educa.

O ponto de partida está na centralidade dos saberes agroecológicos¹, dos seus princípios ecológicos que sustentam as suas práticas, integrando a sociobiodiversidade como categoria metodológica para a mediação dos processos de ensinar e aprender. Neste ponto, a contribuição da educação popular na perspectiva de Freire (1987) quando propõe o “diálogo de saberes” e a “conscientização” como essenciais na definição das técnicas e instrumentos metodológicos (VIGIL, 1989).

A agroecologia integra o cuidado e defesa da vida, a produção de alimentos saudáveis, consciência política e organizacional (GUHUR e TONÁ, 2012). Dessa forma, o seu pensar e agir, emerge de uma ética ecológica integral². Como afirma Freire (2014, p. 81) “A solidariedade caminha de mãos dadas com a consciência crítica [...]. A solidariedade tem que ser construída em nossos corpos, em nossos comportamentos, em nossas convicções”.

A partir destas noções preliminares, apresenta-se a indagação que motiva o estudo: como aproximar os saberes da agroecologia com as crianças? No intuito de resposta, apresenta-se no próximo tópico uma síntese dos registros disponíveis nos diversos ambientes de socialização do conhecimento.

2. A agroecologia: registros e aproximações com as crianças³

Martinez-Madrid e Eugenio publicaram o artigo *Acercamiento a la agroecología en la infancia: propuestas educativas y reflexiones* (2016), no qual recomendam que se priorizem os entornos naturais como cenários educativos e pela naturalização dos entornos escolares, incluindo nas suas instalações elementos não artificiais que favoreçam a interação das crianças com o meio natural.

Tiriba (2018) destaca a importância da exposição da criança à natureza, e como essa influência é

1 Os saberes da agroecologia são uma “constelação de conhecimentos, técnicas, saberes e práticas dispersas que respondem às condições ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia e de cada população”. E, acrescenta, que esses saberes “incorporam princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas que, com o tempo, foram desecologizadas e desculturizadas pela capitalização e tecnificação da agricultura” (LEFF, 2002, p. 42).

2 A ecologia integral inclui as dimensões humanas e social, e propõe na sua reflexão a ecologia ambiental, econômica, social, cultural e da vida cotidiana, o princípio do bem comum e a justiça intergeracional (PAPA FRANCISCO, 2015).

3 Este item sintetiza alguns trechos publicados pelo autor na pesquisa *Aproximações à agroecologia escolar: princípios e práticas* (2020), com recortes e acréscimos organizados para fins da proposta deste artigo.

positiva no desenvolvimento cognitivo, emocional e físico, principalmente na primeira infância, quando o efeito do ambiente é mais prevacente sobre a plasticidade infantil. A distância entre as crianças e os ambientes naturais limita a interação com a natureza, afetando-as em seu desenvolvimento psicossocial. Segundo Tiriba e Profice (2014, p. 64-65), a falta de proximidade “pode contribuir para a formação de gerações pouco comprometidas com os problemas ambientais, pois existe uma relação estreita entre sentir-se parte do mundo natural e protegê-lo”. E ressaltam que “a perda de contato e alienação em relação aos ambientes naturais gerariam uma espécie de extinção da experiência, ou seja, um ciclo de desconexão e progressiva desfiliação [...], uma desconexão em relação à natureza”.

Em suas pesquisas sobre o direito das crianças à natureza, motivada pela busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias, Tiriba (2018) reconhece como fundamental à aproximação das crianças aos saberes dos povos tradicionais. De acordo com a autora “é fundamental participar da luta em defesa desses povos porque com eles teremos a possibilidade de aprender os saberes necessários à produção de outra lógica social e escolar, pautada no respeito à natureza, na valorização do lúdico, dos rituais que alimentam os laços comunitários” (TIRIBA, 2018, p. 263). A visita às feiras de produtos agroecológicos⁴ explicita um testemunho de resistência, de soberania alimentar e de uma compreensão integrada de saúde social⁵.

Os valores comunitários integram a formação de uma consciência integrada à natureza, e apontam a necessidade de processos metodológicos que considerem a dimensão comunitária, da sensibilidade e percepção da vida, principalmente através do afeto. No entanto, essa dimensão precisa ser necessariamente produtiva e ligada à vida cotidiana, o que demonstra a complementaridade do teórico, com a prática comunitária ligada aos ciclos da vida na natureza. Essa produtividade está relacionada à prática dos valores de reciprocidade: “o fruto é produto da convergência de muitas forças e energias, não somente da ação mecânica do semear; para que a semente se converta em

4 Cf. Animação *Comida que alimenta*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z6xAkNPV3QI>>.

5 Recentemente, organizações do mundo inteiro, assinaram o Manifesto do Dia da Terra - 22 de abril de 2020 - *Um Planeta, Uma Saúde Uma reconciliação com a Terra*, no qual registram um compromisso pela “Democracia Terrestre”. Entre esses compromissos está o de “Promover alimentos locais, agroecológicos e saudáveis por meio de sistemas agroalimentares baseados na valorização da biodiversidade local e na cultura e economia do cuidado (mercados e feiras de agricultores camponeses, produtos de povos indígenas e populações tradicionais)”. Também o Manifesto destacou como um dos compromissos “Criar Hortas de Esperança e Hortas de Saúde em toda parte”, entre elas, em escolas.

Cf. <<https://navdanyainternational.org/pt-br/manifesto-do-dia-da-terra/>>. Tradução de Murilo Mendonça Oliveira de Souza, GWATÁ / UEG – Centro de Agroecología y Educación Rural, Associação Brasileira de Agroecologia – ABA.

fruto, muitos seres contribuíram com suas forças: o sol, a lua, a chuva, a terra, a água, as minhocas, o vento, etc.” (MAMANI, 2010, p. 69)⁶. Um exemplo que Mamani (2010) destaca é experiência educativa comunitária da Escola-Ayllu de Warisata (1931-1940) na Bolívia. As práticas de ensino não estavam somente dentro das salas de aula, mas também fora delas, e sob a direção das Ulakas e Amaut'as (avôs e avós sábios).

A agroecologia escolar sugere práticas como o jogo livre e a experimentação nos diferentes ecossistemas naturais; a contação de histórias da natureza, semear cereais, hortaliças e ervas medicinais e temperos, cuidar da horta, classes de horticultura e floricultura, práticas agrícolas e de arborização, de alimentação saudável, entre outras. É importante compreender os valores que pautam as práticas agroecológicas como “compartilhar” o semear, o cuidar e colher; “associar” a criatividade com a natureza, “envolver-se” no mundo orgânico (MERINO; TAPIA, 2019) e “preservar” os saberes dos povos tradicionais, indígenas e quilombolas.

O cuidado com as sementes nativas são uma pauta importante na agroecologia e aproximou-se dos contextos escolares latino-americanos, formando grupos nas escolas de crianças e adolescentes que são chamados de “guardiões mirins de sementes nativas ou crioulas” (CONTI *et al.*, 2012) ou de “custódios de semillas”. Os guardiões ao plantar, cuidar, multiplicar e guardar as sementes fazem uma defesa cultural, política, económica e agroecológica das sementes (ÁLVAREZ RAMÍREZ *et al.*, 2013)⁷.

Por sua vez, esses grupos estão ligados à comunidade e/ou redes que fortalecem e ampliam estas iniciativas locais, promovendo encontros e espaços de trocas (OLIVEIRA *et al.*, 2016) entre as “famílias guardiãs” (OLANDA, 2015), que ressaltam o direito à alimentação saudável, à soberania alimentar. Cabe ainda comentar, a organização dessas famílias na criação de “casas comunitárias de sementes” que visam reafirmar uma posição contrária às “sementes corporativas” (BARBOSA, 2014).

6 MAMANI, F. Buen Vivir/Vivir Bien. Filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas. Investigación realizada con el apoyo de Oxfam América y Solidaridad Suecia América Latina (SAL). Lima, 2010. P. 69. (Texto traducido e adaptado).

7 Segundo Alvarez Ramírez *et al.* (2013, p. 144) “Defender las semillas es considerarlas base y sustento de la identidad; la semilla es la que nos hace ser campesinos, indígenas y afros. Defender las semillas es tenerlas y usarlas como resistencia consciente y crítica ante las amenazas legales y comerciales por parte de las transnacionales y el estado-nación. Defender las semillas es fortalecer los mercados locales y regionales; recuperar el valor de uso de las semillas y producir la comida propia. Defender las semillas es no considerarlas un simple artefacto con formas, tamaños y colores, sino soberanía y autonomía alimentaria. Conservar las semillas es usarlas; pasar a la idea de que cada familia y cada comunidad son la casa de las semillas con libre intercambio”.

Apoiadas nestas iniciativas, escolas organizam experiências concretas fundamentadas na filosofia permacultural e nas técnicas de agricultura agroecológica, com o objetivo que os alunos se apropriem do território, desenvolvam hábitos saudáveis, valorizem os alimentos produzidos pelos camponeses e expressem a vontade de defender as plantas nativas (SANTANA; DURANGO, 2016).

Exemplos dessas experiências são as hortas agroecológicas, que alinhadas às aprendizagens curriculares, contribuem no desenvolvimento de valores e atitudes sociais e de educação alimentar, tendo alcance até às famílias dos estudantes. Bellenda *et al.* (2015, p. 4) destacam as aprendizagens atitudinais que docentes sinalizaram das práticas pedagógicas na horta:

- “Los niños aprenden a compartir, a ser más solidarios y a generar junto a sus pares, el cuidado y mantenimiento de un espacio que es común a todos”.
- La huerta produce "la generación de un clima de motivación y felicidad en la escuela, ya que el hecho de tocar la tierra y estar en contacto directo con los procesos de la naturaleza, sobretudo del ciclo de los alimentos, es ya de por sí motivador para los niños" y valoran "el traslado a algunos hogares de estos aprendizajes y la instalación de una huerta en ellos".
- "La escuela con huerta es otra escuela; se vivencian otros ánimos cuando uno llega a ella. Los niños son felices aquí, hay menos conflictos y creo que una de las cosas que influye, además del personal docente y no docente, es la huerta”.

Ainda, destacam-se as iniciativas das hortas mandalas, organizadas a partir de canteiros circulares que além de integrar os princípios agroecológicos, destacam o calor da roda e da circularidade a partir dos saberes africanos e indígenas. Cabe citar a mensagem ubuntu que ensina a fortalecer os relacionamentos entre as pessoas, com base no respeito, no compartilhamento, no cuidado, na confiança e no altruísmo. Essa visão comunitária que a filosofia ubuntu⁸ propõe enfatiza a

8 O termo Ubuntu, que faz parte do grupo linguístico banto *nguni*, pode ser traduzido como “eu sou porque nós somos”. Em sentido filosófico, essa palavra traduz a crença em uma ligação universal que conecta toda a humanidade. O filósofo Jean Bosco Kokozi Kashindi, natural da República do Congo e estudioso do ubuntu na África do Sul, afirma: “Dado que em Ubuntu parte-se do aforismo “Umuntu ngumuntungabantu” (“a pessoa é pessoa no meio de outras pessoas” ou “eu sou porque nós somos”), entende-se que existe uma igualdade ontológica de todas as pessoas, e dentro dessa

horizontalidade nas relações humanas e recorda o sentido profundo das cirandas. Sua representação na horta convida a cultivar esses valores e imprime uma visão comunitária à vida.

Outra experiência que constitui um exemplo significativo e inovador, tem sido protagonizada por escolas em comunidades andinas que tem resgatado a memória e o cuidado da vida do território por meio de *bioraladuras*⁹, narrativas dos momentos vividos, que podem ser contadas, cantadas ou ilustradas “se retoman y se recrean según las necesidades educativas de los wawas claramente comprendiendo y haciendo las lecturalezas propias del lugar donde se está dando la práctica educativa” (LOZANO PRADO, 2018, p. 111). Experiências metodológicas como estas propõem processos educativos contextualizados, fortalecedores de identidade.

Outras possibilidades que têm sido registradas a partir das práticas agroecológicas são as produções musicais, artísticas, de brinquedos e jogos, que surgem da própria sistematização das atividades que realizam. Por exemplo, em 2018, a Associação Brasileira de Amparo à Infância (ABAI)¹⁰, instituição que atende crianças e adolescentes de escolas públicas do município de Mandirituba, por meio de projetos socioambientais e de educação agroecológica, publicou o CD *Filhos a Mãe Terra – Cantando, brincando e convivendo com a Mãe Terra*, como resultado das atividades realizadas com as crianças (Figura 1). As 16 músicas foram gravadas pelas próprias crianças e o CD acompanha material didático que descreve o contexto de como as letras das músicas surgiram e possíveis atividades que podem ser propostas a partir delas (Figura 2).

igualdade há uma relação existencial, vital, que permite que alguém seja o que é; por isso uma interdependência vital entre não só todos os humanos, mas também entre estes e outras entidades cósmicas”. Cf. Ricardo Machado. *Metafísicas africanas: eu sou porque nós somos – entrevista especial com Jean Bosco Kokozi Kashindi*. Revista *Ihu Online*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/548478-metafisicas-africanas-eu-sou-porque-nos-somos-entrevista-especial-com-jean-bosco-kokozi-kashindi>>.

⁹ Lozano Prado (2018, p. 111) comenta que “La bioraladura se propone como un nuevo concepto en la enseñanza de la Biología contextualizada, en la medida en que posibilita retomar el conocimiento y sabidurías propias de culturas que han tenido o tienen vivo el legado de la oralidad. De igual manera revitaliza la memoria ancestral de los pueblos, sus lenguas y las relaciones que han tejido con el espacio vivido y sentido”.

¹⁰ A Associação Brasileira de Amparo à Infância (ABAI) atua no atendimento socioambiental de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. A instituição entende, na abordagem das suas práticas educativo-sociais, a agroecologia como princípio integrador. Cf. <<http://www.abai.eco.br/>>.



Figura 1: Capa CD *Filhos a Mãe Terra – Cantando, brincando e convivendo com a Mãe Terra*.

Fonte: ABAI, 2018.

Como surgiu?
Música que anima e reforça a temática anual das atividades do Centro de Educação Socioambiental Mãe Terra em 2018: "Plantar a semente da vida e colher a bondade da natureza".

Podemos discutir o nosso protagonismo social e nossas ações concretas de cidadania ecológica.

5. PLANTAR A SEMENTE DA VIDA

D A7 G
Plantar a semente da vida e colher a bondade da natureza

G A7
Plantar no coração a esperança, ver florescer o sorriso da criança.

G A7
Regar com amor e alegria, colher a paz, a união e um novo dia. **Refrão...**

G A7
Sonhar com uma nova colheita, que a partilha da justiça seja feita.

G A7
Que a fé alimente todo o povo e não se canse de lutar por um mundo novo.

Composição: Gilberto Pereira da Silva.
Solista: Nayane Caroline Aparecida de Bastos Carvalho

O que podemos propor?

- Experiências de plantar, cuidar, colher, multiplicar e compartilhar sementes, frutos e verduras;
- Estimular experiências com guardiões mirins de sementes nativas a partir de atividades de horticultura, de jogos e artísticas;
- Rodas de conversa sobre o direito à soberania alimentar e aos saberes da cultura camponesa;
- Dinâmicas de conscientização sobre a importância da agroecologia e de um posicionamento crítico sobre os princípios do agronegócio.

Por que?

- Estimular atitudes de cidadania ecológica;
- Precisamos defender os bens comuns da Natureza!

Figura 2: Exemplo música *Plantar a semente da vida*. Material didático CD *Filhos a Mãe Terra*.

Fonte: ABAI, 2018.

Entre outras produções musicais que podem ser destacadas é o CD do cântico das crianças Guarani

Ñande Reko Arandu: Memória viva Guarani (2000)¹¹ e a série radiofônica *Laudato Si'*¹², que integra 20 episódios sobre “irmãos e irmãs da natureza”, destacando a urgência dos problemas socioambientais que os afetam e provocando a consciência ecológica dos ouvintes.

Também, inúmeras práticas tem sido sistematizadas e estão à disposição dos educadores em sites como *Criança e Natureza*¹³, *Humanaterra*¹⁴, *Tierra en las manos*¹⁵, *Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá*¹⁶, *Grupo Semillas*¹⁷, *Território do brincar*¹⁸, *Asociación para la Niñez y su Ambiente* (ANIA)¹⁹, entre outros. Este último, na página inicial do site aponta a frase: “Hoy en día una escuela sin naturaleza es equivalente a una escuela sin tecnología”.

Destaca-se, o livro *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*, de Gandhi Piorski, no qual o autor registra a experiência criativa de brinquedos com materiais de diferentes regiões e origens. No livro, o autor investigou sobre a imaginação do brincar da criança por meio de suas produções materiais, gestuais e narrativas. Piorski (2019, p. 19) afirma que “uma imaginação que estabelece vínculo entre a criança e a natureza e tem capacidade específicas e maior plasticidade: é transformadora, regeneradora”. E acrescenta: “O brinquedo proveniente da experiência livre da criança em contato com a natureza é nossa porta de entrada rumo a essas reservas simbólicas da produção humana” (PIORSKI, 2016, p. 51).

Também, os educadores ABAI criaram o jogo de tabuleiro *O Guardiã da Semente Nativa*²⁰, que sintetiza um percurso de saberes agroecológicos para as crianças se apropriarem e compreenderem as dimensões que integram a agroecologia. No próximo item descrevem-se as iniciativas de formação dos educadores sociais da ABAI, no ano de 2020, com foco na sistematização de saberes sobre agroecologia com crianças.

11 ÑANDE REKO ARANDU: memória viva guarani. Direção geral: Antônio Maurício Fonseca. Gravação: José Henrique Mano Penna. Duração: 73:39 min. Cf. Resenha publicada por Deise Lucy Oliveira Montardo, publicada em *Horizontes antropológicos*, vol.5 no.11 Porto Alegre Oct. 1999.

Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71831999000200203>.

12 A série está disponível em espanhol e português. Cf. <https://redamazonica.org/pt-br/laudato-cuidado-nossa-casa-comum/>.

13 Cf. <<https://criancaenatureza.org.br/>>.

14 Cf. <<https://www.humanaterra.org/>>.

15 Cf. <<http://www.tierraenlasmanos.com/>>.

16 Cf. <<http://www.centrosabia.org.br/>>.

17 Cf. <<https://www.semillas.org.co/>>.

18 Cf. <<https://territoriobrinca.com.br/>>.

19 Cf. <<https://www.aniaorg.pe/>>.

20 O tabuleiro do jogo, as cartas do jogo e as instruções podem ser solicitados à equipe da Associação Brasileira de Amparo à Infância – ABAI.

3. Metodologies em movimento: por uma agroecologia com crianças

No ano de 2020, realizaram-se na ABAI, três iniciativas formativas:

Formação	Período de realização	Carga horária	Modalidade
Curso: “Agroecologia e educação socioambiental com crianças”	27 de março a 31 de maio de 2020	30h	Virtual
Curso: “Criando jogos sobre agroecologia com crianças”	17 de junho a 31 de agosto de 2020	30h	Virtual
Encontros formativos de sistematização sobre “Agroecologia com crianças” (1ª fase)	25 de setembro a 23 de outubro	20h	Presencial

O curso *Agroecologia e educação socioambiental com crianças*, foi organizado em 4 módulos: 1) Agroecologia e educação socioambiental; 2) Pedagogias ecológicas; 3) Contextos, experiências e metodologias; e 4) Mediação educativa com elementos naturais. O Curso foi realizado com apoio do recurso da *Sala de aula Google*, na qual foram postadas e registradas todas as atividades que os cursistas realizaram. Também, utilizou-se a ferramenta do grupo de *WhatsApp*, no qual diariamente foram enviados materiais e orientações para acompanhamento dos cursistas. Por exemplo, episódios de série radial sobre educação ambiental, vídeos e animações sobre o tema, entre outros.

Entre as atividades realizadas: 1) construção coletiva do conceito de agroecologia (Figura 3); 2) registro das experiências agroecológicas na infância (Figuras 4 e 5); 3) construção de glossário sobre os conceitos de agroecologia, agricultura familiar, agrotóxicos e agronegócio; 4) estudo sobre os saberes da agroecologia; 5) dinâmica de agroecologia por adivinhações; 6) análise de charges sobre agroecologia; e 6) produção original e criativa, a partir de linguagem literária e de adaptação radiofônica de episódios sobre “irmãos e irmãs” da agroecologia. Alguns dos episódios produzidos foram: Irmã Araucária, Irmã Horta, Irmã Castanheira, Irmã Abelha, Irmãos Serelepe e Butiá, Irmão Sapo, Irmão Rio Passaúna, entre outros.



“Tinha entre 5 e 6 anos (1985-1986), brincando no quintal da minha casa. Lembro e sinto o cheiro das "comidinhas" que fazia. Pegava alguns "tijolos" para construir meu fogão. Em seguida, buscava alguns gravetos para fazer o fogo... Perto havia um poço, adorava ir buscar água para brincar com a bomba, e de lá pegava a água para fazer as minhas culinárias. Lembro até hoje da fumaça, do cheiro da salsicha fervendo no meu fogão a lenha. Foi maravilhoso recordar esse momento”.

(Educadora MC)

Figura 5: Registro da infância da educadora MC.

Fonte: ABAI, 2020.

A segunda iniciativa formativa *Criando jogos sobre agroecologia com crianças*, aconteceu em três etapas: 1) Pedagogia do jogo; 2) Projeto de um jogo; e 3) Criação de um jogo. Inicialmente, o curso apoiou-se nas contribuições teóricas de Tisuko Morchida Kishimoto sobre *O jogo e a educação infantil*. Após, os educadores exploraram as produções audiovisuais do *Território do Brincar*²¹, com a intenção de ampliar o repertório lúdico na área da agroecologia. Como atividade conclusiva, cada educador desenhou o seu projeto de jogo, destacando objetivos, materiais, regras e possíveis variações.

Por exemplo, o jogo da educadora JV chamado por ela “Memórias da agroecologia” foi pensado para crianças entre 5 e 7 anos. É um jogo de associação, que segue a lógica do jogo da memória (Figura 6).

21 Cf. <https://territoriodobrincar.com.br/videos-categorias/>



Figura 6: Jogo “Memórias da agroecologia”

Fonte: Educadora JV. ABAI, 2020.

Outros jogos produzidos pelos educadores foram: jogo de tabuleiro *Agroecodiversão*, jogo de trilha sobre plantação, dominó de sementes nativas, e o jogo de tabuleiro *A horta* (figura 7).



Figura 7: Jogo de tabuleiro “A Horta”. Filho da educadora HC, ajudando na produção do jogo.

Fonte: Educadora HC. ABAI, 2020.

Um aspecto interessante presente em ambos cursos foi a participação da família nas produções de algumas atividades que os educadores realizaram, principalmente, na produção dos episódios radiofônicos para combinar as falas na conversão, e na produção dos jogos, envolvendo principalmente, os irmãos e os filhos (figura 7).

A terceira iniciativa formativa a ser registrada neste estudo é a 1ª fase dos *Encontros formativos de sistematização sobre agroecologia com crianças*, realizada em 4 encontros. No primeiro encontro, os educadores revisaram as experiências dos cursos anteriores, apontando marcas significativas das atividades realizadas. No segundo encontro, foi proposta como metodologia uma atividade em grupo para registrar a compreensão sobre agroecologia com crianças, por meio da técnica de mapa mental. Após, os mapas foram socializados pelos grupos, sendo possível a ampliação das ideias a partir do diálogo (figura 8).



Figura 8: Registro do 2º encontro formativo.

Fonte: ABAI, 2020.

No terceiro encontro, o mediador metodológico apresentou a síntese preliminar da socialização realizada no encontro anterior, destacando as ideias chaves produzidas pelo grupo geral. O resultado inicial mostrou uma compreensão dos processos educativos sobre agroecologia com crianças como aprender a conviver, a sentir, a criar, a cuidar e a ensinar (agir), conforme mostra a figura 9. Cada ação (verbo) sinalizada integrava outras ações que os educadores entendiam que eram representativas metodologicamente para serem realizadas com as crianças.

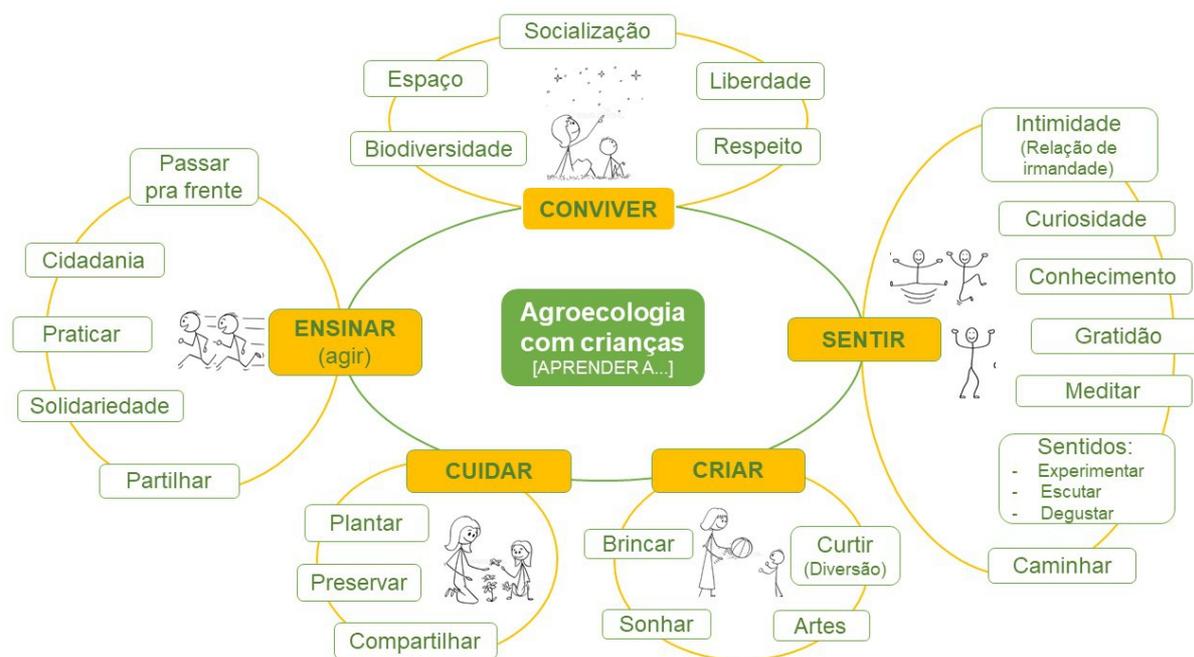


Figura 9: Síntese preliminar dos mapas mentais dos grupos. 3º encontro formativo.
 Fonte: ABAI, 2020.

Na intenção de qualificar a síntese realizada pelo mediador e ampliar a compreensão das ações, cada grupo reuniu-se novamente. O objetivo era que cada grupo registrasse a partir da síntese preliminar (figura 9), a sua compreensão de cada ação. Por exemplo: na dimensão SENTIR, o que o grupo entende quando se aponta: “Meditar”, e assim sucessivamente. Após, essa atividade de aprofundamento, os grupos socializaram os seus apontamentos ao grupo geral (figura 10 e 11).

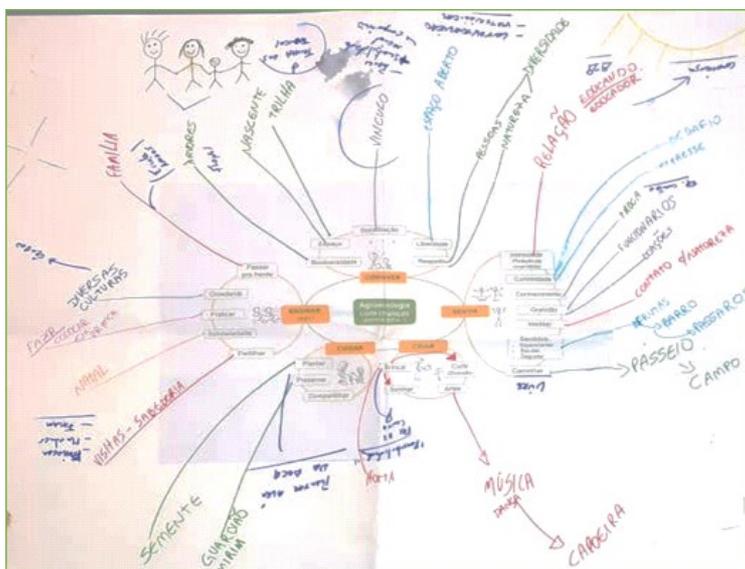


Figura 10: Registro da dinâmica de aprofundamento. 3º encontro formativo.

Fonte: ABAI, 2020.

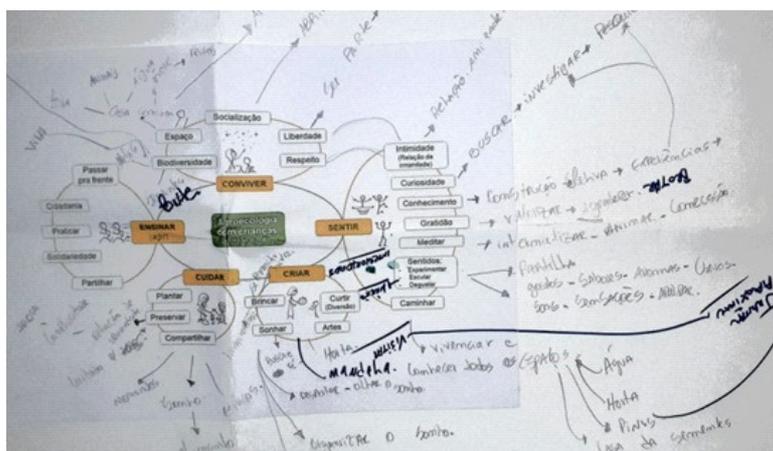


Figura 11: Registro da dinâmica de aprofundamento. 3º encontro formativo.

Fonte: ABAI, 2020.

Com base na socialização da dinâmica de aprofundamento, o quarto e quinto encontro tiveram como objetivo materializar essas ideias no contexto da horta como um dos ambientes para conviver, sentir, criar, cuidar e ensinar (agir), isto é, para conhecer e viver a agroecologia com as crianças. Nesse intuito, os educadores organizados em grupos sintetizaram as suas percepções por meio de

representação visual, a partir da seguinte indagação: Na perspectiva da agroecologia com crianças, como precisam ser as hortas para as crianças? O resultado dessa experiência está sintetizado nas figuras 12, 13 e 14.



Figura 12: Registro da dinâmica – como precisam ser as hortas para as crianças. 4º e 5º encontros.

Fonte: ABAI, 2020.

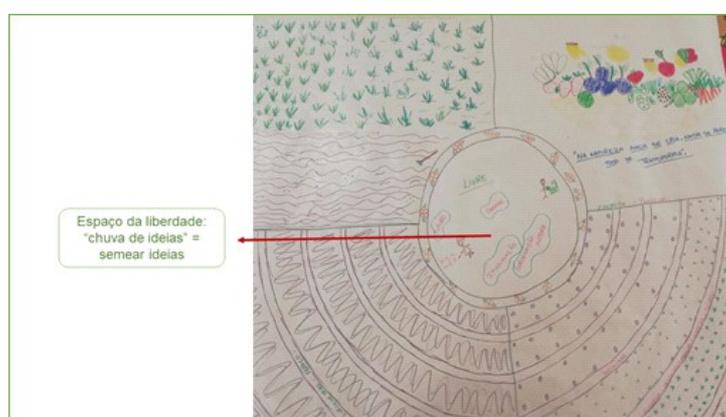


Figura 13: Registro da dinâmica – como precisam ser as hortas para as crianças. 4º e 5º encontros.

Fonte: ABAI, 2020.

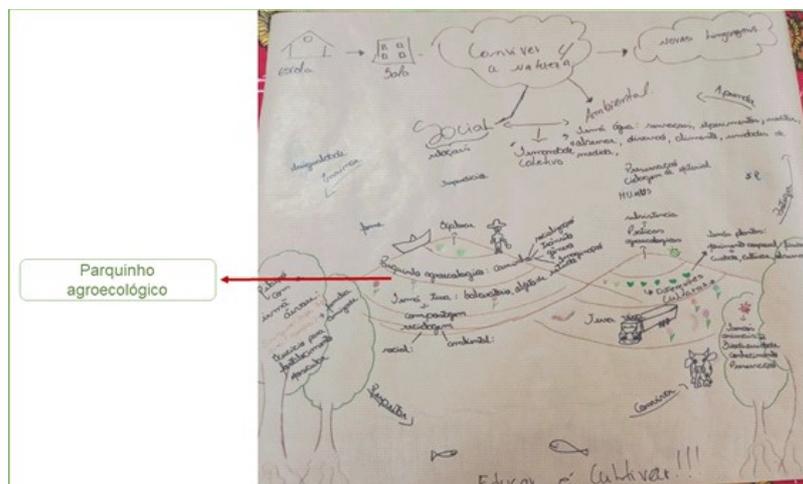


Figura 14: Registro da dinâmica – como precisam ser as hortas para as crianças. 4º e 5º encontros.

Fonte: ABAI, 2020.

Com base na socialização das percepções dos grupos, realizou-se uma síntese coletiva, que resultou nos tópicos a seguir:

- Horta é muito mais que o espaço onde somente se planta, se cuida e se colhe o alimento.
- Na Horta existe a irmandade: ela é a casa de muitos irmãos e irmãs (espaço de saúde)
- A Horta como espaço de aprender juntos:
 - O que significa mato? (refletir a nossa compreensão sobre o que chamamos de “mato”)
 - Conhecer a história e características do que plantamos
 - Conhecer saberes técnicos (adubos, tempo, calendário...)
 - Conhecer outros métodos de plantio
 - Conhecer a história das ferramentas (podemos inventar ferramentas)
 - Criar bandeja para sementes para crianças
- A Horta como espaço de movimento
- A Horta como espaço de liberdade (território da criança)
- A Horta como espaço de fala e de escuta
- A Horta como espaço de convivência (com o eu, com o outro...)
- A Horta como espaço de cuidar (regar como responsabilidade, expressar gratidão...)

- A Horta como espaço de arte (dança, desenho, criação...)
- “Canteiros livres” na Horta como espaço do brincar, de experiência...
- A Horta é semelhante à nossa vida = um processo

Com essa síntese concluiu-se a 1ª fase dos Encontros formativos de sistematização sobre agroecologia com crianças. A 2ª fase prevê o aprofundamento pedagógico desses tópicos, no sentido de apontar estratégias, técnicas e instrumentos que apoiem aos educadores na mediação das práticas educativas, com os objetivos “agroecológicos” que se esperam alcançar. Soma-se a isso, a realização de entrevistas semiestruturadas a profissionais de diversas áreas, do campo, da cidade, do saber acadêmico, do saber inventivo, da militância, entre outros que compartilham a agroecologia como uma opção de vida.

4. Sínteses e continuidade

O item anterior, intitulado *Metodologias em movimento: por uma agroecologia com crianças*, expressa o sentido deste trabalho. É um movimento de aproximação aos saberes da agroecologia, que tem sido registrado no próprio caminho. Dessa forma ele não é conclusivo. A intenção proposta neste estudo responde com o registro até então realizado.

A 1ª fase apontou passos curiosos, criativos e autorais. Cabe continuar, nesse mesmo movimento aberto e dialógico. Os saberes da agroecologia podem ser com as crianças uma experiência de liberdade, solidariedade, educação e espiritualidade ecológicas. Como afirmou Antoine de Saint-Exupéry, no livro *Terra dos homens*, “Aprendemos muito mais sobre nós com a Terra do que em todos os livros”²².

22 In: DARDEL, E. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

Referências

ÁLVAREZ RAMÍREZ, F. Las escuelas campesinas de agroecología, centros de formación campesina y los custodios de semillas en los Andes tuluëños (Colombia). *Revista de Investigación Agraria y Ambiental*, 4(2), 2013, 135-147. Disponível em: <<https://hemeroteca.unad.edu.co/index.php/riaa/article/view/988>>.

BARBOSA, M. Casas de sementes comunitárias: estratégia de resistência e manutenção da vida camponesa. 2014. 97 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Fortaleza-Ce, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/16077>>.

BELLENDÁ, B. *et al.* Aportes de la huerta escolar agroecológica al aprendizaje de niñas y niños en escuelas de Montevideo, a través del Programa Huertas en Centros Educativos. Facultad de Agronomía, Universidad de la República. Memorias do V Congreso Latinoamericano de Agroecología – SOCLA, La Plata, 2015. Disponível em: <<http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/59003>>.

CALDART, R. Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

CONTI, V. *et al.* O papel da escola na formação dos guardiões mirins das sementes crioulas de Ibarama – RS. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária “Territórios em disputa: os desafios da Geografia Agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro”. Uberlândia, MG, 15 a 19 de outubro de 2012. Disponível em: <http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1211_1.pdf>.

CONTRERAS, H. Aproximações à agroecologia escolar: princípios e práticas. *Revista de Educação da ANEC*, v.48, n. 161, 2020. P. 74-85.

FREIRE, P. *Pedagogia da solidariedade*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUHUR, D.; TONÁ, N. Agroecologia. In: CALDART, R. *et al.* (Org.). *Dicionário da educação do campo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Expressão Popular, 2012. P. 57-65.

LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, v.3, n.1, p.36-51, 2002.

LOZANO PRADO, K. *Auka urkuta yakumanta*. Guardianes del agua y la montaña. Reconstrucción de las bioraladuras con los wawas (niños y niñas) de la Escuela de Saberes Munay-ki Uma del Resguardo Hatun Wakakayu de San Agustín (Huila): un aporte a la defensa y cuidado de la vida del territorio. (Monografía). Universidad Pedagógica Nacional, 2018. 131p. Disponible em: <<http://repository.pedagogica.edu.co/handle/20.500.12209/11226>>.

MAMANI, F. *Buen Vivir/Vivir Bien*. Filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas. Investigación realizada con el apoyo de Oxfam América y Solidaridad Suecia América Latina (SAL). Lima, 2010.

MARTÍNEZ-MADRID, B.; EUGENIO, M. Acercamiento a la agroecología en la infancia: propuestas educativas y reflexiones. *Agroecología* 11 (1): 7-18, 2016. Disponible em: <<https://hemeroteca.unad.edu.co/index.php/riaa/article/view/988>>.

MERINO, E.; TAPIA, M. *Proyectos agroecológicos escolares en Educación Inicial*: estudio de caso comparativo entre dos centros de Educación Inicial. Ecuador: Universidad Nacional de Educación, 2019. Disponible em: <<http://repositorio.unae.edu.ec/handle/56000/1162>>.

OLANDA, R. Famílias guardiãs de sementes crioulas: a tradição contribuindo para a agrobiodiversidade. 2015. 155f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar. Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS. 2015. Disponível em:

<<http://www.repositorio.ufpel.edu.br/handle/prefix/3038>>.

OLIVEIRA, I. *et al.* Agrobiodiversidade Crioula: os 13 anos dos Dias da Troca das Sementes Crioulas de Ibarama-RS. *Cadernos de Agroecologia*, [S.l.], v. 10, n. 3, mai 2016. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/17583>>.

PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da Casa Comum. Brasília: Edições CNBB, 2015.

PIORSKI, G. Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

PIRES, A. Educação do campo como direito humano. São Paulo: Cortez, 2012.

SANTANA, J.; DURANGO, G. *Apropiación de territorio y protección de las variedades nativas de semillas agrícolas, a través de la implementación de una huerta agroecológica y permacultural en el Colegio Instituto Técnico Industrial Francisco José de Caldas, Bogotá D.C.* (Monografía). Licenciatura em Biología. Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2016. Disponível em: <<http://repository.udistrital.edu.co/handle/11349/8950>>.

TIRIBA, L. *Educação Infantil como direito e alegria*. 1 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

TIRIBA, L.; PROFICE, C. O direito humano à interação com a natureza. In: SILVA, A.; TIRIBA, L. (orgs.). *Direito ao ambiente como direito à vida: desafios para a Educação em Direitos Humanos*. São Paulo: Cortez, 2014.

VIGIL, C. Educación popular y protagonismo histórico. Una opción para América Latina. Buenos Aires: Hvmánitas, 1989.

COMO CITAR ESTE ARTÍCULO: Herrera Contreras, Humberto Silvano (2021); Agroecologia com crianças: relato de um processo de sistematização com educadores sociais; en <http://quadernsanimacio.net> ; n° 33; Enero de 2021; ISSN: 1698-4404